

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 55 — Domingo, 27 de Junho de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Novidade literária:
O Homem, glória e refugio do universo
de CRUZ MALPIQUE
Pedidos ao autor:
Liceu de Alexandre Herculano
PORTO

AVENÇA

A GRANDE IMPRENSA APOIA A CRIAÇÃO DE UMA ESCOLA TÉCNICA NESTA VILA

A JUNTAR ao franco e decidido aplauso que a campanha a favor da criação de uma Escola Técnica nesta Vila tem merecido por parte de numerosas entidades oficiais e particulares, o que demonstra largamente quão imperiosa é a sua necessidade, temos a registar, desvanecidamente, a atitude compreensiva e de justiça com que esta questão, de transcendente importância para Vila Real de Santo António, tem sido tratada pela grande imprensa.

O «Diário de Notícias», «O Século», «O Primeiro de Janeiro», o «Diário Popular» e o «Diário do Alentejo», entre outros, têm, por mais de uma vez, defendido calorosamente nas suas colunas a necessidade de instalar uma Escola Técnica nesta Vila.

Agora, o importante vespertino da capital, «Diário de Lisboa», que já se tem feito eco desta nossa aspiração, no seu número de 17 do corrente, volta mais uma vez ao momento assunto, dando-lhe merecido relevo e apontando argumentos que justificam de sobejo esta antiga pretensão da nossa terra.

Porque se trata de um depoimento insuspeito, isento de baixismos estreitos e apaixonados, é com o maior prazer que, com a devida vénia, aqui transcrevemos o referido artigo:

«A criação recente das escolas técnicas de Santo Tirso, Almada, Gouveia e Torres Novas veio dar flagrante actualidade às legítimas pretensões que, no campo do ensino técnico, tem uma das mais importantes terras do Sul do País — Vila Real de Santo António. Foi esta localidade também abrangida pelo decreto-lei n.º 56.409, que prevê a criação, na laboriosa vila raiana, de uma escola de ensino técnico, aliás já criada, com a designação de artes e ofícios, em 1924, pelo decreto-lei n.º 10.508, que antecedia o seu articulado das seguintes palavras justificativas da criação da escola: «Tendo em vista o desenvolvimento de Vila Real de Santo António, que concorre largamente para o progresso económico do País com as suas numerosas fábricas, cujos produtos, colocados no estrangeiro, nos trazem larga cota de cambiais; tendo em consideração que compete ao Estado fomentar por

todos os meios ao seu alcance, e especialmente pelo ensino técnico, esse desenvolvimento industrial e comercial...».

Ignoram-se as razões por que nunca chegou a funcionar essa

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

CABE A TODOS NÓS, ALGARVIOS O DEVER MORAL DE AMPARAR

ESTA SUGESTÃO DE INTERESSE REGIONAL

UM MUSEU DE ARTISTAS
ESCRITORES E POETAS

Por J. SANTOS STOCKLER

EMBORA não seja um artista, mas apenas e simplesmente um admirador das artes e das letras, não podia, na qualidade de algarviense que me prezo, deixar de aplaudir e secundar a sugestão, oportuníssima e justa, da criação de um museu de artistas algarvios, em Faro, por julgar os nossos pintores, escritores e poetas dignos de figurarem amanhã em tal galeria que, para eles e para nós, seria o nosso justo e merecido preito de homenagem.

Por isso mesmo, aqui estou a tentar dar vulto à ideia apresentada pelo nosso comprovinciano e escritor Julião Quintinha, nas colunas deste jornal, no seu número anterior, ficando, a partir de já, se os iniciadores de tão alta iniciativa assim mo permitirem, pronto a acompanhá-la de perto.

Como prova do que afirmo, queiram os iniciadores desta obra tão digna e cheia de interesse algarvio — e por que não português? — contar com a minha humilíssima e modesta colaboração.

Honrar o Algarve, através das Artes e das Letras, será honrar e elevar bem alto o próprio nome de Portugal.

E por assim ser, acho que, como o nosso comprovinciano Julião Quintinha já frisou, não será difícil encontrar a fonte de receita financeira para a realização da obra, uma obra que encherá de orgulho os algarvios, e de júbilo os portugueses amigos de tudo o que é nosso!

Não será, pois, por falta de dinheiro que a obra se não iniciará.

O diário «A Voz»

aplaude a construção

da nossa doca de pesca

O NOSSO prezado colega «A Voz», prestigioso diário da capital, transcreveu também o interessante artigo que sobre as necessidades do nosso porto e a urgência da construção da doca de pesca inseriu o «Boletim do Porto de Lisboa», e que publicamos no nosso número de 6 do corrente, transcrito do velho «Jornal do Comércio». Aquele matutino acompanha a publicação com duas gravuras: uma do nosso farol e outra do porto. Muito obrigado.



OS COLONATOS DE ANGOLA E A VISITA DO CHEFE DO ESTADO

ENTRE as mais interessantes e meritórias realizações de colonialismo português em Angola, figura, certamente, a obra recente dos colonatos. Para aqueles que, em busca de desafio económico,

impossível ou, pelo menos, muito difícil de obter na Metrópole, foram para Angola, com o escopo de consagrar à agricultura a a pecuária o seu esforço laborioso, só a experiência dos colonatos tinha visos de êxito. A aventura pessoal, que deu vantajoso resultado com alguns, não com todos, dos sertanejos do passado, é quase impraticável nos tempos actuais, uma vez que o colono isolado não consegue fazer face às exigências do meio escolhido e compensar-se, com o esforço próprio, das provações sofridas em contacto com uma Natureza diferente, em alto grau, da metropolitana.

A organização da vida moderna é, na verdade, in-

compatível com as aventuras pessoais ao antigo estilo. O colono que demanda a terra angolana — e quem diz a terra angolana diz, por extensão, qualquer terra ultramarina — não pode

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

tras. Daí, dessa terra primitiva e remota, vivendo entre giestas e espinheiros floridos, convivendo com gente que nada se preocupa com a vida intelectual, o meu amigo é naturalmente inclinado a imaginar uma vida cidadã bem diferente da que realmente se vive nos grandes centros. Como aquela romântica provinciana dum conto de Maupassant, que fantasiava os escritores do seu tempo como paradigmas da beleza e do sonho, V., que nada sabe e desconhece absolutamente as horribes tribulações que aqui se passam, faz da nossa vida mental uma espécie de cortejo feérico e deslum-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

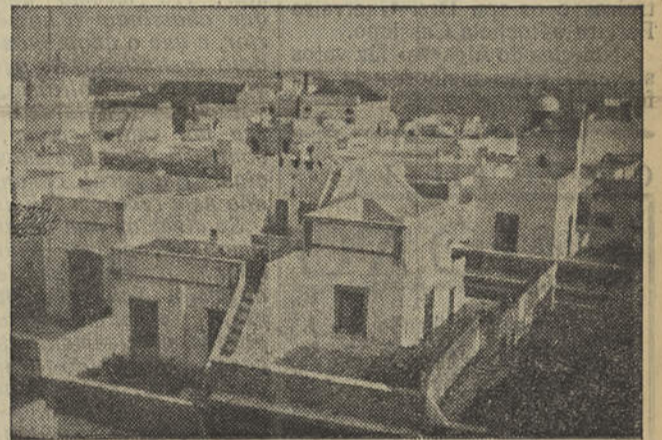
CARTA A UM POETA PROVINCIANO

Por N. RODRIGUES PENA

SEI-O poeta, querido amigo, e esse facto, aparentemente sem importância, desculpa em parte as suas veledades acerca daquilo que V. teima chamar a nossa vida das le-

O ALGARVE FESTEJA OS SANTOS POPULARES

O Algarvio, folgazão por temperamento, nunca perde o ensejo de exteriorizar a sua alegria comunicativa. Os Santos Populares, com os seus folguedos próprios, são sempre um pretexto para descantes e bailaricos. Rara é a aldeia ou povoado mais insignificante, onde os tradicionais «mastos», com as suas ornamentações ingenuas de giesta e bandeirinhas de papel colorido, não proliferam.



Açoteias de Olhão

Nos centros mais importantes os «mastos» são substituídos pelas esplanadas, e o harmónio por uma orquestra de nome esquisito. Nuns e noutros, porém, as sortes do tostão, da alcachofra queimada ou do bochecho de água, são comuns a todas as raparigas casadeiras. Entre as terras da nossa pro-

vincia que mais se destacam pelos seus festejos nesta quadra do ano, figuram Portimão, onde se aprobeitam os divertimentos populares para uma cruzada de bem fazer, angariando fundos para a construção do novo Hospital da Misericórdia. O encantador jardim Visconde de Bivar, a exemplo do que fez o ano passado, veste as suas galas para homenagear o trio dos santos populares.

Faro, na esteira de um bom exemplo, utiliza o seu esplêndido Mercado Municipal para divertimentos cuja receita é destinada a diversas obras de beneficência.

Olhão, com uma alegria caracteristicamente ruidosa, arma um «masto» a cada esquina e queima interessante fogo de artifício na sua esplêndida Avenida — no seguimento de uma tradição que o Clube dos Caçadores não está disposto a perder.

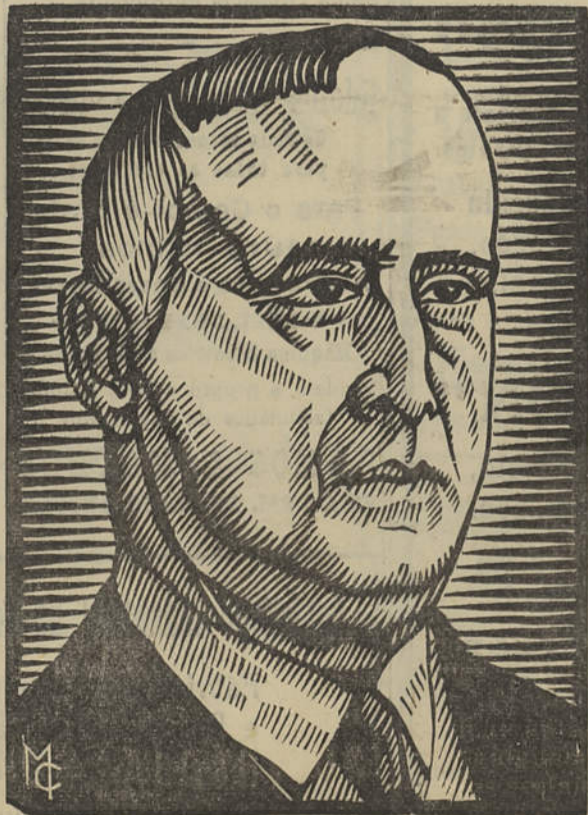
A nossa terra também deu um arslinho da sua graça, na véspera de S. João. Com muita parcimónia e muita modéstia, é bem certo. No entanto, as ruas iluminaram-se com o claro incerto das fogueiras, onde se queimaram as alcachofras do costume — e as ilusões de sempre.

Conselheiro

SOUSA CARVALHO

PARA presidir a um dos júris de exames finais a realizar no corrente ano, na Faculdade de Direito de Lisboa, foi nomeado o nosso prezado amigo e ilustre comprovinciano, sr. Conselheiro João Bernardino de Sousa Carvalho, Juiz do Supremo Tribunal de Justiça.

Visado pela Comissão de Censura



Mário da Silva Gayo

RECORDANDO

Por MANUEL DOS SANTOS CABANAS

(Continuação do n.º 53)

O ACTO eleitoral continuava a arrastar-se, cançado, com uma lentidão irritante. Dominava, no ambiente do vasto salão, apenas a voz cadenciada e cantante do vogal da mesa, que fazia a chamada dos eleitores.

Na minha frente, o meu interlocutor conservava-se calado. Com a cabeça um pouco descaída, o olhar perdido no espaço, denunciava profunda concentração, deixando perceber que procurava na memória reminiscências de um passado longínquo, de que me iria falar.

Compreendi que o silêncio não seria longo, e esperei.

Em dado momento endireitou a cabeça, e fitando-me de frente, disse-me, comovidamente:

— Não pode imaginar como meu pai era amigo dos filhos. Gostava tanto deles que os fez personagens do seu «livro», imprimindo-lhes sentimentos e ideais que desejava que eles tivessem na realidade. Liberal por instinto e depois por convicção; filho de um mártir da nossa liberdade, que pagou com a vida, no presidio de Almeida, os seus nobres ideais; convivendo com os heróis dessa epopeia maravilhosa, que extirpou abusos velhos e deu mais dignidade ao homem, ampliando-lhe a liberdade de pensamento, escreve

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

AS COMUNICAÇÕES

ENTRE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

E AIAMONTE VÃO MELHORAR

A EMBAIXADA de Espanha em Lisboa informou a Casa do Algarve de que a Alfândega de Aiamonte passa ter o horário de serviço desde as 7 às 0 horas, correspondendo assim ao horário da delegação aduaneira de Vila Real de Santo António; e ainda que, dentro em breve, aquela Alfândega está apta a fazer o despacho aduaneiro de camionetas de passageiros. Para o transporte destes veículos foi adquirido recentemente pela Empresa de Transportes do Rio Guadiana, da nossa terra, um «ferry-boat» de maior tonelagem.

Desta forma, os turistas nacionais ou estrangeiros com destino à Andaluzia, Gibraltar e África do Norte, ou delas regressando, ao utilizarem-se da nossa fronteira podem aproveitar a visita ao Algarve. Espera-se também que o preço do transporte dos automóveis no rio Guadiana diminua dentro em breve, devido à maior afluência de veículos.

EXIBIÇÃO DE FILMES

sobre a pesca

A CASA do Algarve obteve da legação do Canadá a cedência de filmes culturais sobre pescas, versando os temas de ostreicultura, pesca de lagosta, pesca científica e propaganda culinária dos peixes, os quais serão exibidos em Vila Real de Santo António, Olhão, Faro, Portimão e Lagos, e possivelmente nos pequenos centros piscatórios onde haja cinemas.

O filme da ostreicultura ensina a forma de fazer a captura das larvas, colheitas de adultos, afinação e engorda das ostras e a sua propaganda culinária.

A propósito, lembramos que uma das zonas propícias à cultura da ostra é a ria de Faro-Olhão e as salinas de Castro Marim, desde que se tomem nestas as devidas precauções.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com pouca demora, esteve nesta vila o nosso prezado amigo, sr. Anibal Guerreiro, sócio-gerente da Empresa Rodoviária de Sotavento do Algarve, Lda.

Vimos nesta vila, o nosso estimado amigo e assinante, sr. Mário Garcia Ramirez, importante industrial em Olhão e presidente do Grémio dos Industriais de Sotavento do Algarve.

De visita a sua família, esteve nesta vila o nosso amigo e prezado assinante em Portimão, sr. António Ramirez.

Esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Dr. Humberto Sérgio de Brito Avó, distinto médico em Lisboa.

Já regressou de Paris, retomando a sua clínica em Lisboa, o nosso amigo e prezado assinante, sr. Dr. José Isidro Farrajota Rocheta.

De visita a seus pais, vimos nesta vila o nosso amigo e assinante, sr. João Clemente, funcionário do Banco de Portugal, em Portimão.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso prezado assinante, sr. António Rosa Mendes, residente em Vila Nova Caxela.

De visita a seus pais, encontra-se nesta vila a sr.^a D. Maria Teresa Correia Ribeiro Alves Lemos Pinto, acompanhada de sua filha, nossa prezada assinante, residente em Albergaria-a-Velha.

Doente

Na Casa de Saúde de Faro, foi submetida a uma intervenção cirúrgica, na passada quarta feira, a sr.^a D. Silvina Davim Lyster Franco, esposa do sr. Dr. Mário Lyster Franco, ilustre Director do nosso prezado colega «Correio do Sul».

Foi operador o sr. Dr. Henrique Balté, tendo como auxiliares, a sr.^a Dr.^a D. Maria Antonieta Contreiras e os srs. Drs. Guerreiro Pereira e Rocheta Cassiano.

«Notícias do Algarve» faz votos sinceros pelas melhoras da enferma.

GAZETILHA

S. JOÃO

Tanta fogueira brilhando, tanta moçoila rodando na noite de S. João! As rodas e as fogueiras mais as cantigas brejeiras bisnetas da tradição...

Havia ranchos às portas desde o «lazareto» às «hortas», —o tempo estava propício! Os eternos «valentões» iam queimando tostões feitos fogo de artifício.

A meia noite bateu e toda a moça correu, a «magia» começou; alcaçofras, copos de água, galhofa, sorrisos, mágoa, tudo o Santo misturou...

Em ruas muito animadas, de fogareus salpicadas viram-se interessantes cenas, senhoras, já nos quarenta, (quem sua sorte não tenta!) como se fossem pequenas!...

BIN OCLO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositarário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES Avenida da República — Telefone 12

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

PELO DR. CRUZ MALPIQUE

CRÍTICA

UM director de grande jornal manda chamar um dos seus empregados, e pergunta-lhe, abruptamente: — O sr. toca piano? — Não senhor. — Rabeca? — Não senhor. — Sabe cantar? — Também não. — Pois então fica assente que será de hoje em diante o crítico musical do nosso jornal. Quem sabe faz. Quem não sabe critica.

CASAMENTO

EM certas crises de melancolia, homem ou mulher, por mais que procurem remédio na medicina, não o encontram. Por enquanto, os frascos das farmácias ainda não vão muito longe na cura das doenças de sentimento. Procura-se Schumann, o grande compositor, remédio para uma crise sentimental, quando o médico consultado lhe disse, francamente: «Procure esposa, senhor, e ficará curado.» O casamento, na verdade, é remédio para muitas crises de melancolia. Quanto a Schumann, esperou ainda sete anos pela cura. A consulta médica fazia-a em 1833. E só veio a casar em 1840.

Nem toda a gente acredita, porém, nas miríficas virtudes do casamento. Aham-no bom remédio para homens e mulheres vulgares de Lineu. Dá-lhes sossêgo de corpo e de espírito.

Os homens superiores, porém, faziam talvez bem em não dar o nó matrimonial, para não ficarem na contingência de se lhes embotar o cérebro, e na contingência, outrossim, de tempestuosos dias, deflagrados por vaidosa mulher que só na ostentação pensa. Homem que as não exiba na feira do mundo, onde elas adoram competir com a sua semelhante, é homem ao mar. Há mesmo quem diga que abominam o homem superior, e que o abominam por um ódio instintivo. Os génios são quase sempre solitários, e celibatários, por natureza. Se uma vez por outra casam, remam contra a maré das suas tendências. Em geral, casando, nem dão nem recebem felicidade.

Se dizemos em geral, admitimos excepções. Não faltam aí casamentos felizes de homens de génio. Schumann, por exemplo, entrou numa fase de fecundidade, recalcado à tranquilidade do lar («donde pouco sal e onde poucos entram — os intimos apenas») cria duplamente: dá filhos à mulher e obras musicais ao mundo.

Noutro ambiente, que não fosse o do lar, talvez sentisse mirar a sua inspiração. Um grande pensamento, uma grande obra a realizar, é, quase sempre, incompatível com o casamento. Preguntando um en-

trevistador, a Salazar, se não sentia, de vez em quando, a nostalgia de um lar bem organizada, de uma família, se conseguia viver feliz em eterno diálogo consigo próprio, em completa solidão, responde o entrevistado: — «Há obras que exigem dedicação absoluta, o dom total de si mesmo. Para alguns temperamentos este todo não admite partilhas.»

E porque o entrevistador insistia em estranhar que viva só o homem para quem a família é a célula-mãe da sociedade, Salazar responde:

— «Pode-se alargar a família à própria Nação.»

«Não teria sido a obsessão dos Descobridores a causa do isolamento e do celibatarismo do Infante D. Henrique?»

RIQUEZA E POBREZA NA INGLATERRA

QUANDO, na Inglaterra, um homem insulta outro, depois de ter percorrido toda a gama dos insultos, vai às do cabo, e atira-lhe com esta injúria: — «és um mendigo!»

Ser mendigo, na Inglaterra, é crime sem perdão. «Pois não foi Nelson quem disse que tudo perdoaria ao seu semelhante, menos a falta de fortuna?»

Hamlet talvez biografasse melhor o inglês, dizendo to have or not to have, that is the question, do que empregando o conhecido to be or not to be...

O prolóquio do «tanto tens, tanto vales» parece ter nascido em terra britânica.

RELÓGIOS?

Das melhores marcas

COM GARANTIA

Vendem a preços fora de toda a concorrência

RAMOS & MATEUS VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Se V. Ex.^a visitar em PORTIMÃO

o Salão de Chá e Pastelaria SALOMÉ

a mais luxuosa e confortável do Algarve, terá a certeza de poder adquirir, além do mais fino doce de pastelaria, o melhor, o mais artístico e o mais regional doce do Algarve

R. Dr. José J. Nunes, n.º 4-A, 6 e 8 Tel. 85 PORTIMÃO

AOS PROPRIETÁRIOS DE POMARES

Só é possível destruir as cochonilhas das laranjeiras e de outros citrinos com o produto que melhor resultado tem dado em todo o País.

O emprego oportuno do «LARANJOL 92»

emulsão de óleo branco, é 100% eficaz no combate a essas pragas e estimula a vegetação das plantas.

E' o melhor e o mais económico insecticida para cochonilhas e está, por essa razão, recomendado pelos Serviços Officiais.

Brevemente apresentamos o «LIROMALATHION»

único insecticida que elimina, por completo, a mosca da azeitona e a do Mediterrâneo.

Encontra-se á venda nos Grémios de Lavoura e nas Casas da especialidade.

FABRICANTE E DISTRIBUIDOR

H. VAULTIER & C.^a

Delegação em FARO:

9, Rua Conselheiro Bivar, 9-A



PROVINCIA

OLHAO

Vida Religiosa

No passado dia 17 do corrente mês, teve lugar a Procissão do Corpo de Deus, nesta vila.

De manhã, pelas 11 horas, celebrou-se, na Igreja Matriz, missa cantada pelos padres Dr. Baptista Delgado, Alagaia e Sebastião.

Assistiram o sr. presidente do Município, membros da Junta de Freguesia de Olhão, oficiais da Legião Portuguesa, assim como os rapazes da Mocidade Portuguesa.

A tarde, pelas 18 horas, realizou-se a Procissão, organizada pela Câmara Municipal de Olhão. Como se esperava, decorreu com invulgar brilho e grande afluência de fiéis, tendo percorrido, com enorme acompanhamento, as principais ruas. Foi abrilhantada pela filarmónica da Legião Portuguesa.

Tomaram parte no acto vários estandartes religiosos, assim como os do Sindicato dos Operários da Indústria de Conservas, Casa dos Pescadores, etc. Sob o pálio, seguiram o Rev. Dr. Baptista Delgado, pároco ilustre desta vila, e o sr. padre Alagaia; a guarda de honra era feita por elementos da Legião Portuguesa, do terço de Olhão. Incorporados na Procissão vimos os srs. Lourenço Mendonça, presidente do Município, e sua esposa, Alfredo Galvão, comandante do Terço da Legião Portuguesa, Francisco Ferro, membro da União Nacional, capitão do Porto de Olhão, com. Justiniano do Nascimento, José Diogo, presidente da Junta de Freguesia, Sr. Manuel Guita e Pinha Morales, e muitas outras individualidades.

No largo fronteiro à capela do Senhor dos Aflitos, em cuja parte superior se havia previamente instalado um serviço de alto-falantes, o sr. Dr. Baptista Delgado dirigiu ao numeroso público, que ali se en-

contrava, uma comovente alocução sobre o dia 17 de Junho.

A fachada da capela do Senhor dos Aflitos, onde também se encontra instalada a Secretaria da Junta de Freguesia de Olhão, encontrava-se toda iluminada.

Balões no C. D. «Os Olhanenses»

Como nos anos anteriores, a Direcção do Clube Desportivo «Os Olhanenses», abriu a sua esplanada de Verão, sem dúvida a melhor desta vila.

No passado dia 17 realizou-se um baile, e, no intervalo, ouviram-se alguns fados do repertório do conhecido e categorizado cantor da Emissora Nacional, Luís Piçarra. O recinto encontrava-se completamente cheio. — C.

NOVO SALVA-VIDAS

para a Fuzeta

CHEGOU na quinta-feira à simpática vila da Fuzeta o novo salva-vidas «Almirante Alvaro Ferreira», que substitui o antigo e ineficaz barco que tinha a seu cargo a protecção dos pescadores.

Vem a propósito lembrar ao Instituto de Socorros a Náufragos que a barra do Guadiana e a costa de Monte Gordo estão totalmente desprovidas de socorros, embora nesta zona laborem milhares de pescadores. Do antigo salva-vidas cremos que nada mais existe além da barraca onde se recolhiam.

Fazemos esta advertência porque não queremos, com o nosso silêncio, acatar uma situação que um dia — oxalá nunca! — todos venham a deplorar.

COMEÇOU A PESCA

do bonito...

MAS EM VIGO

COMO todos os anos, começou este mês a pesca do bonito pelos barcos de Vigo. E' este o maior porto boniteiro de Espanha, para o que possui uma numerosa frota de barcos que, começando a operar ao sul de Lisboa, acaba a sua faina no Inverno, já no sul de França.

Também, segundo notícias que nos chegam, começou a pescar-se em Marrocos o atum e o bonito, à rede, empregando-se artes de «nylon».

E nós para aqui continuamos, agarrados à sardinha e ao biqueirão, e a algum atum que caia nas nossas armações, sem ânimo de nos modernizarmos, nem de prosperar.

Cremos que já é tempo de pensarmos em ir um pouco mais longe, pelo menos de não nos deixarmos ultrapassar pelos nossos vizinhos.

AOS NOSSOS ASSINANTES

Informamos os nossos estimados assinantes, que estão à cobrança os recibos referentes à 6.^a Série do «Notícias do Algarve», n.º 51 a 60, pelo que antecipadamente agradecemos o seu bom acolhimento.

Aos assinantes do Estrangeiro e bem assim aos das nossas Províncias Ultramarinas, agradecemos a remessa pela via mais rápida.

Preço de Assinaturas:	
Continente	
Séries de 10 números . . .	9\$90
» » 20 » . . .	19\$90
» » 50 » . . .	49\$50
Ilhas e Colónias Portuguesas	
6 meses	28\$80
Um ano	57\$60
Estrangeiro	
Um ano	90\$00
Pagamento adiantado	

Sociedade Industrial de Vassouras SIV, Lda., Sucl.

Fábrica de Vassouras de Piassaba e Palma — Escovas de Piassaba — Escovaria fina — Pincelaria fina, etc.

Teleg. SIV — S. JOÃO DA MADEIRA (Portugal) — Telef. 38

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 19 a 24 de Junho de 1954

TRAINEIRAS

Flor do Guadiana . . .	49.960\$00
Liberta	42.040\$00
Infante	38.470\$00
Flor do Sul	36.100\$00
Brisa	35.100\$00
Sam Domingos	34.500\$00
Pérola do Guadiana . . .	33.885\$00
Maria Rosa	33.770\$00
Raulito	33.160\$00
Janita	32.237\$00
Norte	31.310\$00
Levante	30.950\$00
Carmela	30.480\$00
Persistente	26.750\$00
Cristina Leote	25.298\$00
Agadão	22.585\$00
Batinha	21.180\$00
Leste	12.760\$00
Restauração	12.270\$00
Marisol	12.015\$00
Alvarito	10.470\$00
Tufão	9.370\$00
Mameliche	8.245\$00
Deolinda Rita	4.430\$00
Arrifana	2.860\$00
Lá Rose	2.580\$00
Borges do Rêgo	2.310\$00
Oeste	1.730\$00
Jomanel	1.650\$00
Noroeste	1.640\$00
Briosa	1.180\$00
Sarda	450\$00
Total	641.740\$00

CERCOS

Amazona	51.270\$00
Estrela do Sul	2.550\$00
Total	53.820\$00

Atum da costa Algarvia

437 Atuns	606.841\$60
105 Atuarros	73.974\$90
69 Albacoras	23.885\$00
70 Cachorretas	8.081\$60
Total	712.783\$10

Atum da Costa de Marrocos

484 Atuns com o peso de 66.810 Kgs.

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 19 a 25 de Junho:

Entrados:

MADALENA, Português, de 1198 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
LAUPEN, Suíço, de 469 ton., de Tânger, com carga em trânsito.
JAIME PEREZ, de 59 ton., PEDRO MORON, de 28 ton., e MARIA LUISA III, de 18 ton., Espanhóis, de Tânger, com atum fresco.
SHELL ONZE, Petroleiro Português, de 358 ton., de Lisboa, com gasóleo.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:

PRIMOS, Português, para Olhão, vazio.
NEREUS, Português, com minério, para Saint Maló.
COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.
MADALENA, Português, com sal, para o Funchal.
JAIME PEREZ, PEDRO MORON e MARIA LUISA III, Espanhóis, para Tânger, vazios.
LAUPEN, Suíço, para Marselha e Génova, com conservas.
SHELL ONZE, Petroleiro Português, para Lisboa, vazio.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 26 de Junho a 2 de Julho a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito — Telefone 31.

Vende-se

Um BARCO em bom estado Modelo WAICLIC Semelhante ao Snip MUITO BARATO Informa a Redacção deste jornal

BIBLIOTECA

da Casa do Algarve

OS sócios da Casa do Algarve encontram na sua biblioteca bastantes livros de autores algarvios, quer para a leitura na própria biblioteca, quer para a leitura em casa. Reservada à consulta local, existe também a Enciclopédia Luso-Brasileira, e ainda todos os jornais algarvios e as revistas dedicadas aos estudos económicos que interessam à província, como sejam: o Boletim da Junta Nacional das Frutas, Boletim da Pesca, Jornal do Pescador, Revista das conservas de Peixe e Boletim da Junta Nacional da Cortiça.

RECORDANDO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

um livro em que aprecia os acontecimentos históricos a que ficou devendo a sua orfandade, e imprime aos seus personagens as desgraças e os sentimentos da sua própria família.

Calou-se por momentos, tomou fôlego, e depois continuou:

—E, senão, veja: Em Paulo, o amigo do Príncipe Eugénio, Beauharnais, encontramos o meu avô, Dr. Manuel Joaquim de Almeida Silva Gayo. Paulo é preso por devassa miguelista e é conduzido à prisão de Almeida, onde morre dois meses depois. O meu avô foi igualmente preso por devassa miguelista, e encarcerado no presídio de Almeida, morrendo pouco depois de ali ter saído, em consequência dos maus tratos.

«Em Teresa, o anjo da guarda do prebiterio de S. Romão, encontramos a beleza espiritual, a bondade e a candura da minha mãe, anjo da guarda do nosso lar.

«O meu irmão Manuel encarna os sentimentos evangélicos do padre Maurício, da bondade do Dr. José Marques, e até a grandeza moral de Fernando Garcia, oferecendo a vida por uma causa justa, em holocausto de um passado criminoso.

Eu, como o meu próprio pai disse, personifico a ideia liberal, grande e generosa, tolerante e humana.

Suspendeu-se para descansar um pouco, e depois continuou:

—Simultaneamente, como origem de todas as desgraças sofridas pela nossa família, criou a figura magistral do comendador da Ordem de Malta, Jorge Pinto, que encarna o poder absoluto e personifica o mal, que tudo destrói e nada cria. E, por último, Tadeu, o pobre negro que acompanha Mário dos presidios de África, que simboliza o povo embrutecido pela ignorância, e, na sua imensa dedicação, o seu amor ao próximo e ao progresso.

—Isto que me acaba de contar, é admirável, sr. Silva Gayo — disse eu.

—E' de facto. Só foi pena que meu pai morresse tão cedo e não visse o êxito alcançado pelo seu livro. Foi tão grande, que se deu um fenómeno: até essa época, a poucas pessoas era dado o nome de Mário; depois de publicado o livro, este nome popularisou-se, e hoje é vulgar.

—Com que idade morreu o pai de V. Ex.?

—Morreu com 40 anos. Eu contava então 6, e meu irmão Manuel pouco mais velho era do que eu. Decorreram já três quartos de século, depois de tudo isto. Estou muito velho, e o pior de tudo, é que a memória começa a faltar-me.

—Desculpe-me — disse eu — por o ter obrigado a um grande esforço mental, para se recordar do que acabo de ter o gosto de ouvir.

E puxando pelo meu cartão de visita, ao entregar-lho, acrescentei:

—Se me der licença, terei muito prazer em fazer-lhe uma visita, qualquer dia.

—Com todo o gosto, — respondeu. Moro na rua de tal, n.º tal. Uma casa às suas ordens.

Agradei, tomando nota da sua morada.

Tinha deixado de chover. Tornava-se necessário que ele aproveitasse a aberta feita pelo tempo, para partir. Fiz-lho sentir e concordou. Então, ajudei-o a descer a escadaria do edificio, que conduzia à rua, e despedimo-nos afectuosamente.

Ele seguiu rua fora, arrastando seus passos, e eu fiquei ali pregado ao passeio, a olhá-lo tristemente.

te, a vê-lo distanciar-se, a diminuir de proporções na perspectiva, até perdê-lo de vista lá longe, numa curva da artéria, e tive nesse momento a impressão que ele efectivamente se perdia no espaço... e no tempo.

E quando, pouco depois, regresses ao meu posto, vinha pensando se aquele homem devia ter ido ali, na sua idade e nas suas circunstâncias, pedir para votar, ele que tinha recebido de seu pai uma herança sagrada.

* * *

Decorreram meses. Um dia lembrei-me que lhe tinha prometido uma visita, e bati-lhe à porta. Encontrei-o doente. Respirava com dificuldade e tinha uma grande falta de memória. Não parecia o mesmo homem que tinha conhecido meses antes.

Para evitar-lhe a fadiga, tive o cuidado de conduzir toda a conversa, desviando-me de qualquer assunto que o obrigasse a recorrer à memória.

Quando me despedi e saí, trazia o pressentimento de que aquele homem viveria pouco tempo. Além de ter 82 anos, sofria de uma doença de coração, já em estado muito adiantado.

Depois disto, visitei-o ainda algumas vezes, mas sempre que lá ia encontrava-o pior e sentia bem que a chama da vida, que ainda o animava, estava prestes a extinguir-se. E assim foi, efectivamente.

Poucos dias passados, depois da última visita, tive a notícia da sua morte.

No dia seguinte realizou-se o funeral. Fui. Estava um dia triste, de ceu cinzento, e chuvicava brandamente. Acompanharam-no à última morada, quando muito, uma dezena de pessoas.

No cemitério, quando o caixão ia descer à terra, descobri-me respeitosamente, e pensei se não seria temeridade acreditar que a morte daquele homem, ali, num meio desconhecido, longe de amigos, num dia da consagração da Família, não seria um castigo com que a Providência o puniu, por não ter sabido cumprir o seu dever.

Era o dia de Natal de 1946.

a) *Dr. Manuel da Silva Gayo. Nasceu em Coimbra em 1860, e faleceu nesta mesma cidade, na Avenida Sá da Bandeira, no palacete com o n.º 89-A, do dia 11 de Fevereiro de 1934.*

E' autor de: «Canções do Mondego», «As Três Ironias» e «A Dama da Ribadalsa».

Na casa onde morreu existe uma lápide que diz:

«Manuel da Silva Gayo, que um nobre poeta foi sempre, tanto nos seus versos, como na sua vida, residiu durante 33 anos nesta casa e nela faleceu a 11 de Fevereiro de 1934.»

Barreiro, Junho de 1954.

Manuel dos Santos Cabanas

PASTELARIA CONFIANÇA

BOLOS REGIONAIS
BOLOS DE NOIVA
BOLOS DE ANIVERSÁRIO

Executa grandes e pequenas encomendas para

Casamentos - Aniversários - Banquetes

Avenida da República, 48
Vila Real de Santo António

Peões pobres da nossa terra

COMUNICADO DA CONFERÊNCIA

de S. Vicente de Paulo

NO domingo e à saída das Missas das 8,30 e 12 horas, dois confrades pedem esmolas para os pobres da Conferência. Este sacrificio, que tanto representa, não tem a acarinhá-lo, como seria da maior justiça, aquele amparo que nos impõe a nossa Religião. E' com grande mágoa que no final se verifica que a recolha das esmolas constituiu uma verba reduzida, incompatível com a afluência dos Católicos às Missas obrigatórias.

Se todos se compenetrassem do bem que poderiam realizar, depositando nessas bolsas do peditário o valor das suas renúncias, os pobres teriam a consoladora esperança de mais um pão para matar a fome de todos os dias. Vamos portanto transformar o custo dum sorvete, do bilhete do cinema ou a frequência à esplanada—renúncia semanal—, para se elevar o resultado final do peditário de domingo, que se destina aos pobres da Nossa Terra.

Nada custa transformar o superfluo em migalhas de sabor cristão, que vão melhorar as misérias de muitos dias sem comer, como verifica o nosso grupo de rapazes, novos de idade, mas grandes na demonstração dum coração diamantino, procurando entre os escombros da miséria os pobres ansiosos por um bocado de pão e de palavras amigas, que os confortem e lembrem Nosso Senhor Jesus Cristo no Seu elevado amor pelos que sofrem.

Não recuseis, portanto, a vossa esmola semanal, e ao ouvires o apelo dos que pedem, deposita nas bolsas que se abrem ante os teus olhos a moeda que reservaste para esse fim. Ela irá juntar-se a outras, e todas mostrarão volume apreciável, que dará pão da vida e satisfação máxima áqueles que lutam pelo cumprimento da primeira Obra de Misericórdia—dar de comer a quem tem fome.

ACORDEONISTA
Para Orquestra e Casinó, com repertório instrumentado de BAILE E CONCERTO
TRATA
José Vital Trindade
VILA NOVA DE CACELA



DESPORTO

TORNEIO POPULAR DE BASQUETEBOL

GINÁSIO, 42 — FARENSE, 41

Jogo em Faro, no passado dia 17, presenciado por bastante público.

O vencedor do encontro representaria, juntamente com os «Olhanenses», o Algarve no Campeonato de Portugal da modalidade.

Contra todas as suposições,—é assim o Desporto—o Ginásio venceu justamente por ter sabido executar um jogo inteligente na primeira parte. Inteligente na defesa e oportuno no ataque, em que também explorou os «claros» que o lado direito do sistema defensivo farense consentiu. Outra virtude que nem sempre se aproveita da maneira mais conveniente: saber aproveitar os deslizos do adversário.

Foi um excelente encontro de basquetebol disputado com correcção, vontade e galhardia por ambas as equipas e venceu aquela que melhor basquetebol praticou durante os 40 minutos regulamentares.

Em Olhão, no campo de jogos da Mocidade Portuguesa, realizou-se o encontro de basquetebol para o Campeonato Nacional de Júniores entre os campeões do Alentejo e do Algarve, respectivamente, Lusitano de Évora e C.D. «Os Olhanenses». Venceu, com todo o merecimento, a turma de Olhão, por 26-19.

Herculano Valente

TRIBUNAL JUDICIAL
Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

2.ª Publicação

Pelo Juízo de Direito da Comarca de Vila Real de Santo António.

FAZ-SE SABER que na Execução Sumária que neste Tribunal move Reinaldo Bento, casado, empregado industrial, residente nesta Vila, contra Manuel da Palma, viúvo, residente no Monte das Soalheiras, freguesia e concelho de Castro Marim, desta Comarca, para pagamento da quantia de 13.000,000, juros legais e custas, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, depois de findo o dos éditos, virem deduzir os seus direitos.

Vila Real de Santo António, 14 de Junho de 1954.

O Chefe de Secção,

a) António Figueiras da Cruz

Verifiquei

O Juiz de Direito,

b) Francisco Nunes Correia

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

Cine-Foz

Hoje, pelas 21,30 horas, exhibe um grandioso filme italiano *Persianas Corridas*, com Eleanora Rossi Drago e Massimo Girotti. Uma história que traz, no mundo do vício, a luz duma bondade que redime a vida do mal e que enche o coração de um sentimento sereno de esperança... um espectáculo que emociona.

Espectáculo para maiores de 18 anos.

Quinta-feira, 1 de Julho, grandioso programa duplo—*Samarkanda, a invencível*, em technicolor, com Ann Blyth e David Farrar. Lutas brutais no palácio invencível. Gengis-Khan, o homem que sonhara dominar o mundo. *Vingança dos Mortos*, com John Barrymore Jr. Uma aventura estranha entre gente rude e brutal.

Todos sabiam que a morte espreitava, mas todos aguardam o inimigo oculto.

Espectáculo para maiores de 13 anos.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

CAMPANHA NACIONAL

de Educação de Adultos

FINDARAM os exames de adultos, da presente época, quarta do ano, cuja aprovação atingiu, entre o 1.º e 2.º grau, o número de 1.580 adultos. Com estes completou o Algarve 4.600 exames de adultos.

E' digno de salientar o sr. Dr. Jorge Ferreira Matias, único professor do ensino técnico e liceal, que em todo o Algarve se dedica à Campanha. Dos seus 45 inscritos, fizeram agora exame e obtiveram aprovação 15. De mútua colaboração com o director da escola masculina da cidade de Faro, é notável a acção que poderá servir de exemplo para tantos dos seus colegas deste distrito.

Chegou ao Algarve a Missão da Campanha Nacional de Educação de Adultos, onde se demorará 25 dias, percorrendo, depois de apresentar cumprimentos aos respectivos presidentes das Câmaras, as localidades de Tavira, Santo Estêvão, Santa Catarina, Castro Marim, Azinhal, Odeleite, Alcoutim, Pereiro, Martinlongo, Vaqueiros, Cachopo, Loulé, Salir, Alte, Ameixial, S. Brás de Alportel, Alportel, Silves, Cumeada, Amorosa, S. Marcos da Serra, Portela, Monchique, Alferce, Marmeleite, Aljezur, Alfombros, Bordeira e Odeixe.

A Missão é composta por um médico, um professor primário e um motorista da viatura, e a respectiva sessão será ao ar livre ou em casa, conforme o tempo o permitir.

Além do material de cinema sonoro, faz-se acompanhar por um grupo de gerador de energia eléctrica. Iniciou a sua visita ao Algarve tendo apresentado cumprimentos ao ilustre chefe do distrito, Eng. Mascarenhas Gaivão, e ao director do distrito, Virgílio Ferreira Fagulha, no passado dia 25.

Quem avisa...

Licença de Comércio e Indústria

Na Câmara Municipal, termina em 30 deste mês de Junho, o prazo para o pagamento voluntário, com juros de móra, da Licença de Estabelecimento Comercial ou Industrial, a que se referem os Artigos 710.º e seguintes, do Código Administrativo. Findo este prazo, é de aplicar a multa de importância igual ao imposto devido, mas nunca inferior a 20\$000, acrescida da um terço por cada reincidência.

Ramais de ligação de água

Em conformidade com as disposições contidas no Edital de 5 de Junho corrente, inicia-se na Câmara Municipal, durante os primeiros TRINTA DIAS do próximo mês de Julho, a cobrança dos Ramais de Ligação em dívida, ao preço de 400\$00 por cada ramal instalado. A este pagamento são obrigados todos os proprietários ou usufrutuários de prédios de rendimento colectável anual superior a 100\$000, que sejam devedores ao abrigo das disposições regulamentares.

TEATRO

Decorreu com bastante agrado o espectáculo levado à cena no Glória Futebol Clube, com a apresentação das comédias em 1 acto «Quem desdenha...» e «A Ordem é Ressonar». Todos os amadores cumpriram com êxito os papéis que lhes foram destinados, sendo, no final, muito aplaudidos.

O «Fim de Festa» conseguiu agrado plenamente, com merecido destaque para Alvaro Primitivo, Lucinda Cordeiro, José Luís e Diamantino Samúdio, que foram forçados pelo público a repetir os números que lhes couberam. De registar também a magnífica actuação do jovem acordeonista João do Nascimento.

O espectáculo repetir-se-á na próxima sexta-feira, 2 de Julho.

Aluga-se em Castro Marim

Casa para residência, com 6 divisões, quarto de banho, água e esgotos.

Tratar com José Pacheco Dias — Telefone 8 — Castro Marim.

NITRATO DO CHILE NATURAL

(NÃO CONFUNDIR COM O SINTÉTICO)

Adubos mistos, Cloreto de Potássio, Nitro-Amo-niacal, Sulfato de Amónio e Superfosfatos.

SULFATO DE COBRE E ENXOFRE C. U. F.

Antes de comprar, consulte sempre os preços e condições de:

Guerreiro, Cabrita & Guerreiro, L. da

S. BARTOLOMEU DE MESSINES

(CASA FUNDADA EM 1913)

Telefone: 5

Telegramas: GUERREIROS

MOTORES MARÍTIMOS, INDUSTRIAIS E ELÉCTRICOS

GRUPOS MOTO-BOMBAS PARA REGAS
ELECTRO BOMBAS PARA REGAS, PARA EXTRACÇÃO DE ÁGUA A TODAS AS PROFUNDIDADES

DRAGAS PARA EXTRACÇÃO DE ÁGUA EM POÇOS PROFUNDOS

FERRO PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL E CHAPA DE FERRO

CANTONEIRAS, TUBAGENS DE FERRO, ETC.

CIMENTO, MANILHAS E SIFÕES EM BARRO

BETONEIRAS, MISTURADORES E TRITURADORES PARA CEREAIS

Lubrificantes «CASTROL» para todos os fins

Pneus «MICHELIN» Chupadores de borracha e mangueiras

EXTINTORES DE INCÊNDIO, FERRAMENTAS, ETC., ETC.

Para o seu caso consulte sempre a:

Agência Comercial e Marítima do Sul

Telefone 76 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ESCOLA AUTOMOBILISTA DE TAVIRA

TELEFONE 101

MANUEL TAVARES

Seu proprietário e instrutor, informa que inicia no dia 2 de Julho, a instrução para conduzir carros ligeiros e pesados todas as sextas-feiras, sábados e domingos.

Uma oportunidade para todas as senhoras e cavalheiros puderem conduzir automóveis.

Para referências e marcações:

JOÃO VASQUES

Rua Miguel Bombarda, 55 - Vila Real S. António

DOENÇAS DA PELE

SÓ TRÊS DIAS DE TRATAMENTO COM

PRODERMA

DEPOSITÁRIOS:

Drogaria Rodrigues da Silva, L. da

COIMBRA

Carta a um poeta provinciano

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

brante. Lamentavelmente se esquece que esses homens são forjados do frágil barro de que é formada toda a humanidade.

Os homens, os grandes homens, vistos de perto, perdem muito do seu prestígio e auréola. Para os creados de quarto — dizia não sei quem — não há génios, nem grandes homens. Eu, com a máxima franqueza, aconselho-o a não vir, embora este meu aviso vá despedaçar muitas das suas ilusões. Se, na verdade, V. tem uma missão a cumprir, se se pretende realizar como escritor, se possui génio ou algum talento, aí, não contacto duro com os homens da terra, com essa «humanidade bárbara», como poéticamente se refere, o amigo. poderá, da mesma maneira, construir uma obra de interesse, valiosa. Eu sei que alguns dos seus argumentos são de ponderar, que há alguma razão em queixar-se da aridez da sua vida, da falta de estímulos; e, principalmente, da justiça desse seu doloroso apelo: pretender o convívio de pessoas que o compreendam e ajudem.

Eu sei, na verdade, que uma grande cidade possui grandes bibliotecas, com milhares de volumes; cinemas, teatros, tertúlias, salões de conferências, coisas preciosas que aí faltam e despertam, nos que aí vivem, justas ambições, invejas legítimas. Mas o amigo encontra-se em condições excepcionais; possui bastante dinheiro, o que lhe possibilita a aquisição de obras, permitindo-lhe, assim, acompanhar de perto o movimento das ideias do nosso tempo. Para si, meu querido amigo, as diferenças entre o campo e a cidade não são assim tão amovíveis, que não possa beneficiar de todo o progresso das grandes urbes. Aliás, V. tem nessa terra a sua vida organizada: o seu trabalho, as suas fontes de receita, numa palavra, o amigo tem aí as suas raízes. A sua vinda para a cidade criaria tais problemas que, certamente, esmagariam as suas mais nobres esperanças. Se aí o pão de cada dia custa «bagadas de suor», aqui, na cidade, não calcula também o que é difícil cavar honestamente o amargo pão. Talvez o amigo possua influentes relações, boas empenhocas, capazes de lhe arranjar um ótimo lugar. Mas, mesmo assim, eu duvido muito se lucraria alguma coisa com a mudança. O que não lhe perdão é essa sua crença no poder das tertúlias, a força que dimana dos grupinhos, o elogio mútuo que endeusa sicrano ou beltrano, o fastígio que chega até essas paragens, das capelas onde se queima o incenso em benefício dos mordomos que fazem e aproveitam da festa. Sim, amigo, é isso que lhe não perdão, apesar da sua candura de novato e provinciano feito basbaque a admirar o vistoso fogo de artifício. Eu não lhe vou citar exemplos que não faltariam, nem tentar uma discriminação de valores, no meio desta fauna de patetas... ou de génios inéditos.

Se vivermos mais alguns anos, V. dará conta que nenhum desses enfatuados resistiu à prova do tempo, e que todos caíram na vala comum do esquecimento.

Agora, se vivem, é porque não lhes faltam os apaniguados a propagandear aos quatro ventos a excelência do produto. Cada um, muito louvavelmente, se esforça e atanza em endeusar o amigo, para que este lhe retribua na mesma moeda. Muitas das nossas reputações nas letras são feitas deste modo, à troche-moche. Conheço indivíduos cujo maior orgulho consiste em acompanhar esta ou aquela celebridade, exibindo-se nas ruas, nos cafés, julgando assim que estão conquistando um lugar na posteridade. Amesquinham a personalidade em salamaleques e ademanos servís; tornam-se verdadeiros comediantes desta farsa que é a ambição da glória, do prestígio, da parvoíce nacional. O amigo, aí, sentindo-se só, isolado, no meio de labregos, sente calafrios, e pensa melancolicamente que está a perder oportunidades, que os outros estão a arrancar-lhe o lugar a que se acha com direito. De vez em quando, lê esses panegíricos no jornal, e fica doente, sem se aperceber que as reputações fazem-se e desfazem-se ao sabor das conveniências e das encomendas.

V. tem ao seu alcance boa matéria prima: homens que sofrem e trabalham, gente com aspirações ou sem aspirações, conformados ou revoltados com o seu destino, uma humanidade que é tão digna de ser admirada como aquela composta de bonifrates e janotas que frequentam os salões de chá. Se o amigo possui realmente qualidades de artista, aproveite essa matéria prima, modele-a com amor, dê-lhe o melhor do seu talento; empreste-lhe a forma e a ideia e assegure-lhe que triunfará da mesma maneira do que se estivesse aqui, na cidade. Se não possui essas qualidades, amigo, com esta franqueza que talvez considere cinismo, aconselho-o a abandonar tais projectos. Não é pelo motivo de V. acompanhar o «refrain», ou cantar pelo mesmo diapasão, que vai conquistar um lugar na literatura nacional.

Rodrigues Pena

A GRANDE IMPRENSA APOIA A CRIAÇÃO DE UMA ESCOLA TÉCNICA NESTA VILA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

escola, mas o que é certo é que a população de Vila Real de Santo António ficou sempre à espera que se lhe fizesse justiça. A inclusão do nome da vila pombalina no decreto n.º 36.409, foi o primeiro acto de reparação à inconsequência do decreto n.º 10.508. Aguarda-se agora, ansiosamente, que se torne efectiva a previsão legal, a fim da escola poder funcionar já no próximo ano lectivo. Vila Real de Santo António, primeiro porto do Sul do País e o mais antigo centro conservador do território português, reclama com absoluta justiça a sua escola. Sendo a sede do concelho de maior densidade populacional do Algarve, dispõe de um grande núcleo de rapazes e raparigas que asseguram pleno funcionamento à desejada escola. Basta referir a circunscricção de, depois de Faro, Olhão e Portimão, ser a terra do Algarve que mais professores primários tem em actividade na sede do concelho. Ora, como são as cabeças de concelho que dão a quase totalidade dos alunos para as escolas técnicas, visto ser na maioria dos casos difícil às crianças das freguesias frequentarem diariamente a sede, umas vezes por escassês de comunicações, e outras vezes por os pais não poderem ocorrer às despesas de deslocação, facilmente se deduzirá o volume populacional de alunos que terá a futura escola técnica de Vila Real de Santo António, tanto mais que lhe fica apenas a quatro quilómetros a sede do concelho de Castro Marim.

Dá-se ainda a circunscricção, que não pode deixar de ser considerada por todos que prezam o bom nome do País, de se tratar de uma terra raiana, em frente da cidade espanhola de Ayamonte, e que é frequentes vezes visitada pelas autoridades do vizinho país, além dos muitos estrangeiros que ali passam e às vezes se demoram.

Pelas circunstâncias apontadas consideramos que protelar o cumprimento do previsto no decreto n.º 36.409, prejudicando algumas centenas de crianças que desejam melhor apetrechar-se para a vida, não nos favorece nada aos olhos dos estrangeiros, e em particular dos nossos vizinhos que entram por aquela porta do País ou frequentam a vila pombalina.

Para a grave deficiência, que já se tentou reparar em 1924, isto é, há trinta anos, permitimo-nos chamar a atenção das entidades competentes, às quais o ensino técnico continua a merecer o mais desvelado interesse, como o prova a criação recente das quatro escolas a que nos referimos.»

DINHEIRO

S/ HIPOTECA EM QUALQUER PONTO DO PAÍS
6% Longo prazo
PRONTO SOCORRO FINANCEIRO
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 19, 3.º-B - TEL. 46069

OS COLONATOS DE ANGOLA E A VISITA DO CHEFE DO ESTADO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

nem deve confiar, exclusivamente, na sua própria vontade de agir em defesa dos seus próprios interesses. Cada vez mais, a vida moderna exige a participação da comunidade na realização de determinado objectivo. Entregue, como nos tempos de antanho, aos meros impulsos do seu espírito empreendedor, o colono não poderia arrastar com os obstáculos de toda a ordem que se lhe deparariam e, fatalmente, seria vítima inglória da sua aventura pessoal. Os funantes e pombeiros de outrora passaram à História da Colonização de Portugal ultramarino. O que fizeram em favor da expansão portuguesa além-mar é incalculável e justifica incondicional aplauso. Graças a eles, desbravou-se a terra brava do interior e implantou-se, aos poucos, a civilização cristã, que a presença dos missionários eclesiásticos foi, aos poucos, também, consolidando. Muitos poderiam prosperar e enriquecer, comerciando com os indígenas, arroteando o solo, comprando e vendendo, explorando, economicamente, um território cujos limites nem sequer sonhavam. A aventura pessoal de muitos foi bem sucedida, porque as condições eram outras, eles mesmos eram poucos, a orgânica da vida colonial não estava, praticamente, estabelecida. À sua audácia e à sua sorte ficaram a dever todos os que triunfaram o êxito que os premiou. Um dia, porém, tal estado de coisas modificou-se e deixou de ser possível vencer na vida colonial pelos antigos sistemas. A colonização, de simples caso de aventura pessoal, converteu-se em algo de complexo e difícil. As influências do meio actuaram mais poderosamente, pois as populações autóctones foram adquirindo consciência da sua importância social e do seu valor económico. Se quis vencer, o colono do interior, que trocara a vida mesquinha da Metrópole pela vida incerta do Ultramar, teve de pôr-se em dia com as aquisições do progresso, capacitar-se bem de que a agricultura e a pecuária coloniais eram deveras diferentes da agricultura e da pecuária metropolitanas, encarar os trabalhadores negros por um prisma diverso daquele por que, até então, haviam sido olhados, actuar, em suma, dentro dum regime de estabilidade calculada, de regras normativas bem definidas, pois de pouco ou nada servia já o heroísmo típico da aventura pessoal.

Foi a criação dos colonatos que veio salvar os modernos colonos do fatal malogro das suas iniciativas coloniais. A previdência governamental pôs cobro à ruína daqueles que, fiados nos antigos recursos e no prestígio romanesco da aventura pessoal, tinham arriscado tudo numa colonização inexperiente de que só poderia resultar, como, na maior parte dos casos, resultou, o descalabro total. Os colonatos de Angola, nomeadamente o Colono Europeu da Cola e o Colono Indígena da Caconda, são o fruto sazoadado dessa providência governamental. Ali, não se confia à aventura pessoal o êxito futuro de obra a realizar,

pois se sabe — e muito bem — que só duma técnica regular poderão advir os ambicionados frutos, desde que essa técnica regular se aplique sob a égide do bem comum. O actual governador geral de Angola, sr. Capitão Silva Carvalho, desempenhou papel preponderante no estabelecimento desses modelares colonatos, de cuja obra se pode, agora, inteirar, directamente, o sr. General Craveiro Lopes, na visita que anda a fazer a Angola, como primeiro magistrado da Nação. Muito a propósito se disse, na Imprensa, acerca daqueles, que se trata de «duas grandes realidades da obra do Capitão Silva Carvalho, a quem o desenvolvimento de Angola tanto interessa, e que ao alto prestígio e progresso de Portugal, incansavelmente, tem dedicado realizações materiais e espirituais». A visita do Chefe do Estado ao Colono Europeu da Cola permitiu «ver como se desfaz a lenda de o branco não poder trabalhar em terras da África, mostrando como se pode realizar, com segurança, a colocação dos excedentes demográficos da Metrópole nestas terras férteis, mediante um amparo que permita a fixação. O Colono Europeu da Cola constitui, hoje, a grande lição de que se partirá para o futuro povoamento em grande escala de Angola, como Caconda é lição contra os que não acreditavam na possibilidade de fixar os indígenas».

O Presidente da República

CABE A TODOS NÓS ALGARVIOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

vios congregassem os seus esforços no sentido de conseguir transformar em feliz realidade esta sugestão, brilhantemente exposta pelo distinto escritor Julião Quintinha.

Supomos que a própria Casa do Algarve, em Lisboa, sempre pronta para a defesa dos valores materiais e espirituais da província, não se furtaria a colaborar num empreendimento como este, que tanto prestigiaria não só o Algarve, como o país.

Obras como esta, são verdadeiramente dignas da dedicação colectiva, e a todos nós, algarvios, cabe o dever moral de ampará-las.

J. Santos Stockler

ca, ao visitar o Colono Europeu da Cola, teve o ensejo de verificar a grandeza e a beleza de tal realização colonial, que honra quem lhe meteu ombros e a tornou possível. Ali, a par duma obra de urbanização que consiste em casas irrepreensivelmente arranjadas e arruamentos cuidadosamente dispostos, formando uma serie de povoações que reproduzem, com bastante fidelidade, as da Metrópole distante, observou o desenvolvimento das culturas — milho, trigo, batata, feijão, árvores de fruto, etc. — e o progresso da pecuária, consideravelmente favorecidos pelas estações agrárias de Angola, assistindo, também, às significativas homenagens prestadas à figura primacial do Estado Novo, cujo nome ilustre fica indelévelmente ligado à progressiva europeização — digamos assim — do Colono Europeu da Cola. Ali, ouviu o governador geral de Angola, principal obreiro de tão magna obra, dizer palavras justas como estas: «Nenhum dos argumentos que se têm alegado contra a ideia deste colonato se me afigura procedente. Nem o esforço físico assume aqui a dureza das tarefas que os portugueses exercem no Amazonas, nem o clima é insalubre, nem a terra avara, nem a água escassa, nem a produção faltam consumidores, nem ao colono se nega a oportunidade de amealhar honesto pecúlio, nem ao Estado falecem meios de levar até ao fim esta obra que, pela sua própria natureza, quanto mais cresce menos cuidados exige. Só uma coisa poderia faltar: a coragem e a força de ânimo dos portugueses que são chamados a reproduzir neste rincão africano a fisionomia inesquecível da sua terra de Trás-os-Montes, das Beiras ou do Ribatejo». Essa, porém, não falta, como o Chefe do Estado pode verificar. Tudo ali, na verdade, proclama o amor à Pátria e o desejo de a servir, aproveitando as vantagens concedidas pela abençoada existência daquele colonato, em que a obra da colonização portuguesa pode, realmente, ver-se. A. de Freitas

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª L.ª
15. R. DOS FANQUEIROS - LISBOA
TELEF. 21143/21789

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“ANDYK”

carrega em LISBOA em 26 de JULHO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DURANGO» — 29 de Junho
«DONGEDYK» — 6 de Julho

DESSPORTISTAS!!!

LEVAI A TODA A PARTE A FAMA DO VOSSO CLUBE, USANDO CHAPÉUS COM O SEU NOME E EMBLEMA!!!



à venda nas boas
chapelarias



Fábrica
Condestável
S. JOÃO DA MADEIRA

